



**© CASO
DO
EXPRESSO
DE
PLYMOUTH**

POR

AGATHA CHRISTIE

Atenção!

Caro leitor, antes de começar sua leitura, é bom que saiba que esta história manteve algumas palavras e expressões em francês, palavras, em sua maioria, não muito difíceis de identificar o significado, dada a proximidade com o português, mas, mesmo assim, sinta-se à vontade para consultar as notas sempre que quiser compreender alguma das expressões apresentadas. Boa leitura!

O Caso do Expresso de Plymouth

"[As pequenas células cinzentas](#)", frequentemente citadas pelo grande detetive Hercule Poirot, certamente fazem um excelente trabalho nessa intrigante história de mistério de uma escritora excepcionalmente talentosa.

Por Agatha Christie

Alec Simpson, da Marinha Real Britânica, saiu da plataforma de Newton Abbot para um compartimento de primeira classe do [Expresso Plymouth](#). Um carregador o seguia com uma mala pesada. Ele estava prestes a colocá-la no porta-bagagens, mas o jovem marinheiro impediu que ele o fizesse.

Não—deixe-a no assento. Eu a colocarei ali em cima depois. Aqui está!

"Obrigado, senhor." O carregador, que recebeu uma gorjeta generosa, se retirou.

As portas bateram, uma voz trovejante gritou: "Apenas para [Plymouth](#). Com conexão para Torquay. Próxima parada Plymouth." Então um apito soou, e o trem saiu lentamente da estação.

O Tenente Simpson tinha o compartimento todo só para si. O ar de dezembro era frio, e ele levantou a janela. Então ele cheirou levemente e franziu a testa. Mas que cheiro que havia ali! Lhe lembrava daquele tempo no hospital, e da operação nas suas pernas. Sim, [clorofórmio](#), esse era o cheiro!

Ele abaixou a janela novamente, mudando seu assento para um assento com as costas para o motor. Ele tirou um cachimbo de seu bolso e o acendeu. Ele se sentou por um tempo sem fazer nenhum movimento, olhando para noite afora e fumando.

Por fim ele se levantou e, abrindo a mala, pegou alguns papéis e revistas, depois fechou a mala novamente e se esforçou para empurrá-la para baixo do assento oposto—sem nenhum sucesso. Alguns obstáculos ocultos resistiram a ela. Ele empurrou ainda mais forte com uma crescente impaciência, mas ela ainda estava presa no meio do caminho do compartimento.

“Por que motivo ela não entra?” murmurou ele, e, puxando-a completamente para fora, se abaixou e espiou embaixo do assento...

Um momento depois, um grito soou na noite, e o grande trem fez uma relutante parada obedecendo a sacudida imperativa do cabo de comunicação.

"[Mon ami](#)," disse Poirot. Eu sei que você está profundamente interessado nesse mistério do Expresso Plymouth. Leia isto."

Eu peguei a nota que ele passou para mim sobre a mesa. Ela era breve e direto ao ponto.

Prezado senhor:

Ficaria agradecido se você me visitasse o mais rápido que puder.

Atenciosamente,
Ebenezer Halliday.

A conexão não estava clara na minha mente, e eu olhei inquisitivamente para Poirot. Para me responder, ele pegou o jornal e leu em voz alta:

"Uma descoberta sensacional foi feita ontem à noite. Um jovem oficial da Marinha, retornando para Plymouth, encontrou debaixo do assento de seu compartimento, o corpo de uma mulher, esfaqueado no coração. O oficial puxou o cabo de comunicação imediatamente, e o trem foi levado a parar. A mulher, que tinha aproximadamente trinta anos de idade, e estava vestida ricamente, ainda não foi identificada.'

“E depois temos isto: ‘A mulher que foi encontrada morta no Expresso Plymouth foi identificada como a [Honorável](#) Sra. Rupert

Carrington.’ Agora você consegue ver, meu amigo? Se não, eu vou adicionar isso: A Sra. Rupert Carrington era, antes do casamento, Flossie Halliday, filha do velho Halliday, o rei do aço da América.”

“E ele mandou lhe chamar? Esplêndido!”

“Eu fiz um pequeno serviço para ele no passado—um caso de títulos ao portador. E certa vez, quando eu estava em Paris para uma visita real, Mademoiselle Flossie me foi apresentada. [La jolie petite pensionnaire!](#) Ela também tinha um [dote](#) encantador! Ele causava problemas. Ela quase teve um caso ruim.”

“Como ele se deu?”

“Um certo [conde de la Rochefour](#). [Un bien mauvais sujet!](#) Um indivíduo de má índole, como você diria. Puramente e simplesmente um aventureiro, que sabia como atrair uma garota romântica. Sorte que o pai dela soube disso a tempo. Ele a levou de volta para a América às pressas. Eu ouvi falar do casamento dela alguns anos depois, mas eu não sei nada sobre o marido dela.”

“Hum,” disse eu. “O Honorável Rupert Carrington não é nenhum galã, segundo todos os relatos. Ele praticamente acabou com seu dinheiro em corridas de cavalos, e eu imagino que os dólares do velho Halliday veio na hora certa. Eu devo dizer que encontrar outro jovem canalha de boa aparência, bem-educado e totalmente sem escrúpulos seria difícil.

“Ah, pobre senhora! [Elle n’est pas bien tombée!](#)”

“Eu imagino que ele imediatamente tenha deixado bem óbvio que foi pelo dinheiro dela, e não por ela, que ele foi atraído. Eu acredito que eles se separaram quase que imediatamente. Eu ouvi rumores ultimamente que deveria haver uma separação legal definitiva.”

“O velho Halliday não é nenhum bobo. Ele protegeria o dinheiro dela muito bem.

“Eu diria que... na verdade sei de fato, que o honorável Rupert está passando por dificuldades financeiras.

Ahá! Eu imagino se—”

“Você imagina se o que?”

“Meu bom amigo, não pule na minha garganta desse jeito! Eu vejo que você está interessado. Que tal você me acompanhar para vermos o Sr. Halliday? Tem um ponto de táxi na esquina.”

Alguns poucos minutos foram suficientes para nos levar até a magnífica casa na [Park Lane](#), alugada pelo Magnata Americano. Fomos levados à biblioteca, e quase imediatamente um homem largo e robusto, com olhos penetrantes e queixos agressivos, se juntou a nós.

“[M. Poirot](#)? disse o Sr. Halliday. “Eu acho que não preciso contar pra quê eu preciso de você. Você leu os jornais, eu não sou de ficar parado sem fazer nada. Aconteceu de eu ouvir dizer que você estava em Londres, e eu lembrei do bom trabalho que você fez com aqueles títulos. Nunca se esquece de um nome. Eu tenho a opção de escolher da [Scotland Yard](#), mas eu terei meu próprio homem também. Dinheiro não é problema. Todo dólar foi ganho para minha garotinha—e agora que ela se foi, eu vou gastar meus últimos centavos para pegar o maldito canalha que fez isso! Entende? Então cabe a você entregar resultados.”

Poirot curvou-se.

“Eu aceito, [monsieur](#), com ainda mais boa vontade pelo fato de eu ter visto sua filha várias vezes em Paris. E agora eu irei lhe pedir que diga-me as circunstâncias da jornada dela para Plymouth e quaisquer outros detalhes que lhe pareçam significativos para o caso.”

“Bem, para começar,” respondeu Halliday, “ela não estava indo para Plymouth. Ela ia participar de uma [festa residencial](#) em [Avonmead Court](#), na propriedade da Duquesa de Swansea. Ela deixou Londres às 12:14 em [Paddington](#), chegando em [Bristol](#) (onde ela teve que mudar de trem) às 14:30. O Trem Expresso Principal de Plymouth, é claro, passa por Westbury e não passa nenhum pouco perto de Bristol. O trem das 12:14 faz uma viagem sem paradas direto para

Bristol, parando depois em Weston, Taunton, Exeter e Newton Abbot. Minha filha viajou sozinha em seu compartimento, que estava reservado até Bristol, a empregada dela estava em um compartimento de terceira classe, no vagão adjacente.”

Poirot assentiu com a cabeça, e o Sr. Halliday continuou: “A festa em Avonmead seria uma festa bem animada, com vários [bailes](#), como consequência minha filha levava consigo quase todas as suas jóias—totalizando, talvez, um valor de aproximadamente cem mil dólares.”

“[Un moment](#),” interrompeu Poirot. Quem era o responsável pelas jóias? Sua filha, ou a empregada?”

“Minha filha sempre cuidava delas sozinha, carregando-as em um pequeno porta-jóias de couro azul-marinho.”

“Continue, monsieur.”

“Em Bristol, a empregada, Jane Mason, pegou a bolsa de maquiagens e agasalhos da patroa dela, que estavam em sua posse, e foi até a porta do compartimento de Flossie. Para sua imensa surpresa, minha filha disse a ela que não iria desembarcar em Bristol, mas seguiria viajando mais adiante. Ela instruiu Mason a retirar a bagagem e colocá-la no [guarda-volumes](#). Ela poderia tomar chá na sala de refeições rápidas, mas deveria esperar por sua patroa na estação, porque ela retornaria para Bristol em um trem com destino ao terminal no decorrer da tarde. Embora bastante surpresa, a empregada fez como lhe foi ordenado. Ela colocou a bagagem no guarda-volumes e tomou um chá. Mas veio trem após trem e a sua patroa não apareceu. Depois da chegada do último trem, ela deixou a bagagem onde estava e foi a um hotel próximo da estação para passar a noite. Nesta manhã ela leu sobre a tragédia, e retornou para a cidade no primeiro trem disponível.”

“Não há nada que explique o motivo para mudança repentina de planos da sua filha?”

“Bem, existe sim: de acordo com Jane Mason, em Bristol, Flossie não estava mais sozinha no seu compartimento. Havia um homem

nele que ficou olhando para fora, numa janela mais distante para que ela não pudesse ver seu rosto.”

“O trem era um trem de corredor, correto?”

“Sim.”

“De que lado era o corredor?”

“Do lado da plataforma. Minha filha estava no corredor quando falava com Mason.”

“E você não tem nenhuma dúvida de que—com licença!” Ele se levantou e endireitou cuidadosamente o tinteiro que estava um pouco torto. “[Je vous demande pardon](#),” continuou ele, se sentando novamente. “Me deixa nervoso ver qualquer coisa torta. Estranho, não é? Eu estava perguntando, monsieur, se você não tem nenhuma dúvida de que este encontro provavelmente inesperado tenha sido a causa da mudança repentina de planos da sua filha?”

“Parece ser a única hipótese plausível.”

“Você não tem nenhuma ideia de quem possa ser o cavalheiro em questão?”

O milionário hesitou por um momento, e depois respondeu.

“Não—eu não tenho nenhuma ideia de quem ele seja.”

“Agora... e quanto a descoberta do corpo?”

“Foi descoberto por um jovem oficial da Marinha, que imediatamente soou o alarme. Havia um médico no trem. Ele examinou o corpo. Nela primeiramente foi colocado clorofórmio, e depois foi esfaqueada. Ele opinou que ela estava morta há cerca de 4 horas, então deve ter acontecido não muito tempo depois de deixar Bristol. —Provavelmente entre lá e Weston, possivelmente entre Weston e Taunton.”

“E o porta-joias.”

“O porta-joias, Monsieur Poirot, tinha desaparecido.”

“Mais uma coisa, monsieur. Quanto à fortuna da sua filha... para quem ela vai depois da morte dela?”

“Flossie fez um testamento logo após o casamento dela, deixando tudo para seu marido.” Ele hesitou por um minuto, e depois continuou: Eu posso muito bem te dizer, Monsieur Poirot, que eu considero meu genro um canalha sem princípios, e que, seguindo meu conselho, minha filha estava a ponto de se livrar dele por meios legais—uma coisa não muito difícil. Eu distribuí o dinheiro dela de uma maneira que ele não pudesse tocá-lo durante os anos em que ela vivesse, mas embora eles tivessem vivido totalmente separados durante alguns anos, ela frequentemente cedeu às demandas dele por dinheiro, ao invés de enfrentar um escândalo público. No entanto, eu estava determinado a colocar um fim nisso tudo, e por fim Flossie concordou, e meus advogados foram instruídos a iniciar o processo.”

“E onde está Monsieur Carrington?”

“Na cidade. Acredito que ontem ele esteve fora, no campo, mas retornou na noite passada.”

Poirot refletiu um pouco. Então ele disse: “Eu acho que isso é tudo, monsieur.”

“Você gostaria de ver a empregada, Jane Mason?”

“Por favor.”

Halliday tocou o sino e deu uma ordem breve ao criado. Alguns minutos depois, Jane Mason entrou no Cômodo, era uma mulher respeitável, de expressões rígidas, tão insensível diante da tragédia como se esperaria de uma boa empregada.

“Você me permitiria fazer algumas perguntas? Sua patroa, ela estava se comportando normal antes de sair ontem de manhã? Ela não estava animada ou agitada?”

Ah, não senhor!”

“Mas e em Bristol ela estava muito diferente?”

“Sim, senhor, constantemente agitada—tão nervosa que parecia não saber o que ela estava dizendo.”

“O que ela disse exatamente?”

“Bem, senhor, pelo que eu consigo lembrar, ela disse: ‘Mason, eu tenho que mudar meus planos. Algo aconteceu—quer dizer, eu não vou sair daqui. Eu preciso continuar. Retire a bagagem e coloque-a no guarda-volumes, depois tome um chá e espere por mim na estação.’

“‘Esperar por você aqui, senhora?’ eu perguntei.

“‘Sim, sim. Não deixe a estação. Eu voltarei num trem mais tarde. Eu não sei quando. Pode ser que seja bastante tarde.’

“‘Está bem, senhora’, eu disse. Eu não estava em posição de fazer perguntas, mas eu pensei que foi muito estranho.”

“Era diferente do comportamento de sua patroa, não era?”

“Muito diferente do comportamento dela, senhor.”

“E o que você acha disso?”

“Bem senhor, eu pensei que tinha algo a ver com o cavalheiro do compartimento. Ela não falou com ele, mas ela se virou uma ou duas vezes como se fosse perguntar a ele se ela estava agindo certo.”

“Mas você não viu o rosto do cavalheiro?”

“Não senhor; ele ficou de costas para mim o tempo todo.”

“Você pode descrevê-lo?”

“Ele estava usando um sobretudo bege claro e um boné de viagem. Ele era alto e magro, e a parte de trás da cabeça dele estava escura.”

“Você não o conhecia?”

“Oh, não, eu acho que não, senhor.”

“Não era o seu patrão, Sr. Carrington, por acaso?”

Mason pareceu bastante surpresa.

“Oh! Eu acho que não, senhor!”

“Mas você não tem certeza?”

“Ele tinha a constituição do meu patrão, senhor—mas eu nunca considereei que pudesse ser ele. Nós raramente o vemos. Eu não poderia dizer que não era ele!”

Poirot pegou um alfinete do carpete, e franziu a testa severamente diante dele; depois continuou: “Seria possível que o homem tivesse entrado no trem antes de você chegar no compartimento?”

Mason ponderou.

“Sim, senhor, acho que seria. Meu compartimento estava bastante lotado, e se passou alguns minutos antes que eu pudesse sair—e depois havia uma grande multidão na plataforma e isso também me atrasou. Mas assim ele teria apenas um ou dois minutos para falar com a patroa. Eu presumi que ele viria pelo corredor.”

“Certamente isso é mais provável.”

Ele pausou, ainda franzindo a testa.

“Você sabe como a patroa estava vestida, senhor?”

“Os jornais dão alguns detalhes, mas eu gostaria que você os confirmasse.”

“Ela estava vestindo um gorro branco de pele de raposa, senhor, com um véu com manchas brancas, e um casaco e saia azuis de [fustão](#)—o tipo de azul que eles chamam de elétrico.

“Hum, bastante chamativa.”

“Sim,” ressaltou Halliday. “Inspector Japp espera que isso possa nos ajudar a determinar o lugar onde o crime ocorreu. Qualquer um que a viu se lembraria dela.”

“[Précisément!](#) —Obrigado, mademoiselle!” A empregada deixou o cômodo.

"Bem!" Poirot se levantou rapidamente. “Isso é tudo que eu posso fazer aqui—exceto que, monsieur, eu gostaria de pedir a você que me dissesse tudo—mas tudo mesmo!”

"E eu fiz isso.”

"Você tem certeza?"

“Absoluta.”

“Então não há nada mais a ser dito. Eu tenho que rejeitar o caso.”

“Por que?”

“Porque você não tem sido honesto comigo.”

“Eu te asseguro que—”

“Não, você está escondendo algo.”

Houve uma pausa momentânea, e então Halliday tirou um papel de seu bolso e o entregou ao meu amigo.

“Acho que é isso que você está procurando, Monsieur Poirot—embora o fato de você saber disso me intriga!”

Poirot sorriu, e desdobrou o papel. Era uma carta escrita em caligrafia fina e inclinada. Poirot a leu em voz alta.

“[Chère Madame:](#)

“É com infinito prazer que aguardo o momento feliz de encontrá-la novamente. Depois de sua tão amável resposta à minha carta, eu mal posso conter minha impaciência. Eu nunca esqueci daqueles dias em Paris. É muito cruel o fato de você estar saindo de Londres amanhã; No entanto, em pouco tempo, talvez mais cedo do que você pensa, eu terei a alegria de ver novamente a dama cuja imagem sempre reinou suprema em meu coração.

“Acredite, chère madame, em todas as afirmações dos meus sentimentos mais devotos e inalterados—

“Armand de la Rochefour.”

Poirot devolveu a carta ao Halliday, fazendo-lhe uma reverência.

“Eu imagino, monsieur, que o senhor não sabia que sua filha pretendia reatar seu relacionamento com o Conde de la Rochefour?”

“Foi como um raio para mim! Eu encontrei essa carta na bolsa da minha filha. Como provavelmente já sabes, Monsieur Poirot, este chamado de conde é um aventureiro do pior tipo.”

Poirot assentiu com a cabeça.

“Mas o que eu quero saber é como você sabia da existência dessa carta?”

Meu amigo sorriu. “Monsieur, eu não sabia. Mas rastrear pegadas e reconhecer cinzas de cigarro não é suficiente para ser um detetive. Ele também deve ser um bom psicólogo! Eu sabia que você não gostava e não confiava no seu genro. Ele se beneficia com a morte de sua filha; a descrição do misterioso homem feita pela empregada tem uma semelhança significativa com ele. Mesmo assim, você não está interessado nas pistas dele. Por que? Certamente porque suas suspeitas estão em outra direção. Portanto, você estava escondendo algo.”

“Você está certo, Monsieur Poirot. Eu estava certo da culpa de Rupert até encontrar essa carta. Ela me deixou horrivelmente perturbado.”

“Sim. O conde diz: ‘em pouco tempo, e talvez mais cedo do que você pensa.’ Obviamente que ele não gostaria de esperar até que você soubesse do reaparecimento dele. Foi ele quem viajou de Londres no trem das 12:14 e foi pelo corredor ao compartimento da sua filha? O conde de la Rochefour é também, se eu lembro corretamente, alto e moreno!”

O milionário assentiu com a cabeça.

“Bem, monsieur, desejo-lhe um bom dia! Scotland Yard tem, eu presumo, uma lista das joias?”

“Sim, acredito que o inspetor Japp está aqui agora, se você quiser vê-lo.”

Japp era um velho amigo nosso, e cumprimentou Poirot com uma espécie de desprezo carinhoso.

“E como você está, monsieur? Nenhum sentimento ruim entre nós, embora tenhamos diferentes maneiras de olhar as coisas. Como estão as ‘pequenas células cinzentas’ hein? Estão fortes?”

Poirot sorriu para ele. “Elas funcionam, meu bom amigo Japp; certamente funcionam!”

“Então está tudo bem. Você acha que foi o honorável Rupert, ou um bandido? Estamos de olho em todos os lugares habituais, é claro. Nós saberemos se os objetos contrabandeados forem descartados, e é claro que quem quer que tenha feito isso não irá mantê-los para admirar seus brilhos. Não é provável! Estou tentando descobrir onde Rupert Carrington estava ontem à noite. Parece ter um pouco de mistério nisso. Eu tenho um homem observando ele.”

“Uma grande precaução, mas talvez um dia atrasado,” sugeriu Poirot gentilmente.

“Você sempre terá sua piada, Monsieur Poirot. Bem, estou partindo para Paddington. [Bristol](#), [Weston e Taunton](#), essa será minha área de atuação. Até mais.”

“Você vem me ver esta noite para me contar o resultado?”

“Claro, se eu voltar.”

“Esse bom inspetor acredita na importância do movimento,” murmurou Poirot enquanto nosso amigo partia. “Ele viaja; mede pegadas; coleta lama e cinzas de cigarro! Ele é extremamente ocupado! Ele é zeloso além da conta! E se eu mencionar psicologia a ele, você sabe o que ele faria, meu amigo? Ele sorriria! Ele diria a si mesmo: ‘Pobre Poirot! Está ficando velho! Está ficando senil!’”

Japp é a "geração mais nova batendo na porta." [E ma foi!](#) Eles estão tão ocupados batendo na porta que não percebem que a porta já está aberta!"

"E o que você irá fazer?"

"Como temos [carte blanche](#), vou gastar três [pences](#) ligando para o [Ritz](#)—onde, como você já deve ter notado, está hospedado o nosso Conde. Depois disso, como meus pés estão um pouco úmidos, e eu espirrei duas vezes, eu devo retornar para meus aposentos e fazer para mim uma [tisana](#) sobre a lamparina de álcool!"

Eu só vi Poirot de novo na manhã seguinte. Eu o encontrei terminando tranquilamente seu café da manhã.

"Bem?" Eu indaguei ansiosamente. "O que aconteceu?"

"Nada."

"E quanto ao Japp?"

"Eu não vi ele."

"E o Conde?"

"Ele deixou o Ritz anteontem."

"No dia do assassinato?"

"Sim."

"Então isso deixa claro! Rupert Carrington está livre de suspeitas."

"Considerando o fato de o Conde de La Rochefour ter deixado o Ritz? Você está indo muito rápido, meu amigo."

"De qualquer maneira, ele deve ser seguido, detido! Mas qual poderia ser o motivo dele?"

"Cem mil dólares em joias é um bom motivo para qualquer um. Não, a pergunta que me vem à minha cabeça é: Por que matá-la? Por que não simplesmente roubar as jóias? Ela não iria processá-lo."

"Por quê não?"

“Porque ela é uma mulher, mon ami. Ela já amou esse homem. Portanto ela iria sofrer a perda em silêncio. E o Conde, que é um psicólogo extremamente bom quando se trata de mulher—daí o seu sucesso—saberia disso perfeitamente bem! Por outro lado, se Rupert Carrington matou ela, por que pegar as joias, ato que incriminaria ele fatalmente?”

“Como uma camuflagem.”

“Talvez você esteja certo, meu amigo. Ah, ali está Japp! Eu reconheço a batida dele.”

O inspetor estava sorrindo de bem humorado.

“Bom dia, Poirot. Acabei de voltar. Eu fiz um bom trabalho! E você?”

“Eu organizei minhas ideias,” respondeu Poirot placidamente.

Japp gargalhou com vontade.

“O homem está envelhecendo,” ele resmungou para mim em voz baixa. “Isso não é bom para nós, jovens” ele disse em voz alta.

“[Quel dommage?](#)” Poirot indagou.

“Bem, você quer ouvir o que eu fiz?”

“Você me permite dar um palpite? Você encontrou a faca com a qual o crime foi cometido, ao lado da linha entre Weston e Taunton, e você interrogou o garoto jornalista que havia falado com a Sra. Carrington em Weston!”

Japp ficou de queixo caído. “Como raios você sabia? Não me diga que foram essas suas poderosas “pequenas células cinzentas”?!”

“Estou feliz que você admitiu pelo menos uma vez que elas são super poderosas! Diga-me, ela deu 1 [xelim](#) para o garoto jornalista?”

“Não, deu metade de uma [coroa!](#)” Japp recuperou a compostura e sorriu. “São bem extravagantes, esses Americanos ricos!”

“E como consequência o garoto não se esqueceu dela?”

“Não esqueceu. Meia coroas não chegam a ele todo dia. Ela o cumprimentou e comprou duas revistas. Uma tinha a foto de uma garota em azul na capa. ‘Esta combinará comigo,’ disse ela. Oh! ele se lembrou dela perfeitamente. Bem, isso foi o bastante para mim. Pelas evidências apresentadas pelo médico, o crime deve ter sido cometido antes de Taunton. Eu imaginei que eles iriam jogar a faca fora imediatamente, e andei pela linha procurando por ela; e como imaginava, lá estava ela. Eu fiz perguntas em Taunton sobre nosso homem, mas claro, é uma grande estação, e não era provável eles terem o notado. Ele provavelmente voltou para Londres num trem posterior.”

Poirot assentiu com a cabeça. “Bem provável.”

“Mas eu descobri outra notícia quando voltei. Eles estão movimentando as joias, sabia? Aquela grande esmeralda foi penhorada na noite passada—por um dos clientes regulares. Quem você acha que foi?”

“Eu não sei—a não ser do fato de que era um homem baixo.”

Japp ficou encarando. “Bem, você está certo sobre isto. Ele é baixo o suficiente. Foi o Red Narky.”

“Quem diabos é Red Narky?” Eu perguntei.

“Um ladrão de joias especialmente astuto, senhor. E não é uma pessoa de hesitar em cometer assassinato. Normalmente ele trabalha com uma mulher—Gracie Kidd; mas ela não parece estar metida nisto dessa vez—a não ser que ela tenha ido para a Holanda com o resto dos ganhos.”

“Você prendeu Narky?”

“Com certeza. Mas lembre-se, é o outro homem que queremos—o homem que viajou no trem com a Sra. Carrington. Foi ele quem planejou o trabalho, sem dúvidas. Mas Narky não vai delatar um amigo.”

Eu notei que os olhos de Poirot ficaram bem atentos.

“Eu acho,” disse ele gentilmente, “que eu posso encontrar o parceiro do Narky para você, sabia?”

“Uma das suas pequenas ideias, hein?” Japp encarou Poirot atentamente. “É maravilhoso como você consegue produzir resultados às vezes, na sua idade e tudo mais. Por uma sorte incrível, é claro.”

“Talvez, talvez,” murmurou meu amigo. “Hastings, meu chapéu. E a escova. Bem! Minhas [galochas](#) para o caso de chover! Não devemos desfazer o bom trabalho que foi feito por aquela tisana. [Au revoir](#), Japp!”

“Boa sorte para você, Poirot.”

Poirot pegou o primeiro táxi que nós encontramos e direcionou o motorista ao Park Lane.

Quando paramos diante da casa do Halliday, ele saiu do carro agilmente, pagou o motorista e tocou a campainha. Ele fez um pedido em voz baixa ao criado que abriu a porta e nós fomos imediatamente levados ao andar de cima. Nós subimos ao andar mais alto da casa, e fomos levados a um quarto pequeno e arrumado.

Os olhos de Poirot perambularam pelo quarto e se fixaram em um pequeno baú preto. Ele se ajoelhou diante dele, examinou os rótulos nele, e retirou um pequeno pedaço de arame de seu bolso.

“Pergunte ao Sr. Halliday se ele faria a gentileza de subir até aqui,” disse ele ao criado por cima dos ombros.

(Sugere-se que o leitor faça uma pausa na sua leitura da história nesse ponto, chegue a sua própria solução sobre o mistério—e depois veja o quão perto ele chegou da solução do autor—Os editores.)

O homem partiu, e Poirot abriu gentilmente a fechadura do baú com uma mão experiente. Em poucos minutos, a fechadura cedeu e ele levantou a tampa do baú. Rapidamente ele começou a vasculhar as roupas que o baú continha, jogando-as no chão.

Passos pesados ecoaram na escada, e Halliday entrou no quarto.

“O que diabos você está fazendo aqui? perguntou ele, encarando.

“Eu estava procurando, monsieur, por isso.” Poirot retirou do baú um casaco e uma saia azuis de fustão, e um pequeno gorro branco de pele de raposa.

“O que você está fazendo com meu baú?” Eu me virei e vi que a empregada, Jane Mason, tinha acabado de entrar no quarto.

“Se você apenas puder fechar a porta, Hastings. Obrigado! Sim, e fique com suas costas contra ela. Agora, Sr. Halliday, deixe-me apresentá-lo à Grace Kidd, também conhecida como Jane Mason, que em breve irá se juntar ao cúmplice dela, o Red Narky, sob a gentil escolta do Japp.”

“Foi o caso mais simples.” Poirot fez um gesto de desdém com uma mão, depois se serviu com mais [caviar](#). Não é todo dia que se almoça com um milionário.

“Foi a insistência da empregada nas roupas que a patroa dela usava que inicialmente chamou minha atenção. Por que ela tinha tanta vontade que nossa atenção estivesse voltada à elas? Eu refleti sobre o fato de que nós tínhamos apenas a palavra da empregada com relação ao homem misterioso em Bristol. Pelas evidências apresentadas pelo médico, a Sra. Carrington poderia muito bem ter sido assassinada antes de chegar em Bristol. Mas se isso for verdade, então a empregada deve ser uma cúmplice. E se ela for uma cúmplice, ela não iria querer que esse ponto se baseasse apenas na evidência apresentada por ela. As roupas que a Sra. Carrington estava usando eram de natureza chamativa. Uma empregada normalmente tem um grande poder de escolha quanto ao que a sua patroa irá usar. Agora, e se, depois de Bristol, alguém visse a patroa em um casaco e saia azuis brilhantes, e um gorro de pele, essa pessoa estaria pronta para jurar que viu a Sra. Carrington.

“Eu comecei a reconstruir. A empregada providenciaria uma réplica das roupas para seu uso. Ela e seu cúmplice usariam clorofórmio e

esfaqueariam a Sra. Carrington entre Londres e Bristol, provavelmente tirando vantagem de um túnel. O corpo dela seria rolado para baixo de um assento; a empregada tomaria o lugar dela. Em Weston ela deveria fazer com que ela fosse notada. Mas como? Dentro de todas as possibilidades, um garoto jornalista seria escolhido. Ela se certificaria que ele se lembraria dela dando a ele uma grande gorjeta. Ela também chamaria a atenção dele para a cor das roupas dela, comentando sobre uma roupa das revistas. Depois de deixar Weston, ela jogaria a faca pela janela para marcar o lugar que o crime presumidamente ocorreu, e mudaria as roupas dela, ou abotoaria um longo casaco impermeável por cima delas. Em Taunton ela deixaria o trem e depois retornaria para Bristol o mais rápido possível, onde o cúmplice dela oportunamente deixaria a bagagem no [guarda-volumes](#). Ele entregaria o bilhete e retornaria para Londres. Ela esperaria na plataforma, cumprindo seu papel, iria passar a noite num hotel e retornaria à cidade de manhã, exatamente como ela disse.

“Quando Japp retornou da expedição dele, ele confirmou todas as minhas deduções. Ele também me contou que um ladrão bem conhecido estava movimentando as joias. Eu sabia que seja lá quem foi, seria exatamente o oposto do homem que Jane Mason descreveu. Quando eu ouvi que foi Red Narky, que sempre trabalhava com Grace Kidd—bem, eu sabia exatamente onde encontrá-la.”

“E o conde?”

“Quanto mais eu pensava mais eu me convencia de que ele não tinha nada a ver com isso. Aquele cavalheiro é muito cuidadoso com a própria pele para arriscar cometer assassinato. Não estaria de acordo com seu personagem.”

“Bem, Monsieur Poirot,” disse Halliday. “Tenho uma grande dívida com você. E o cheque que assinarei depois do almoço não será suficiente para pagá-la.”

Poirot sorriu modestamente, e murmurou para mim: “O bom Japp receberá o crédito oficial, certo? Mas embora ele tenha pegado a

Grace Kidd dele, eu acho que eu, como dizem os Americanos,
[peguei a cabra dele!](#)

Fim

Notas

As pequenas células cinzentas-maneira do Poirot se referir à sua própria inteligência.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Expresso Plymouth-maneira de se referir a um trem expresso, neste caso um trem expresso que tem Plymouth como um de seus destinos.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Mon ami-uma expressão francesa que se traduz para “**meu amigo!**” em português.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

La jolie petite pensionnaire!- Uma expressão francesa que se traduz para “**a charmosa e adorável estudante interna!**” em português.”

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Dote-bens que alguém transfere para a pessoa com quem se casa.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Conde de la Rochefour-provavelmente o modo de se referir a um nobre da França, visto que “Rochefour” parece ser um local fictício.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Un bien mauvais sujet!-uma expressão francesa que provavelmente se traduz para “**um sujeito bastante malvado!!**” em português.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Honorável- O termo “honorável” é utilizado como um título de respeito ou cortesia destinado a pessoas de alta posição ou prestígio na sociedade.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Un moment- uma expressão francesa que provavelmente se traduz para “**um momento**” em português.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Clorofórmio- Um líquido usado antigamente como anestésico, mas também conhecido por seu uso como droga para cometer crimes.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Elle n'est pas bien tombée- uma expressão francesa que provavelmente se traduz para “**Ela não se deu bem!**” em português.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Park Lane-uma rua em Londres famosa por suas propriedades e residências de luxo.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

M.-abreviação de **Monsieur**, palavra em francês que significa **senhor** em português.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Scotland Yard-quartel general da Polícia Metropolitana de Londres.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Plymouth-uma cidade na costa sudoeste da Inglaterra.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Festa Residencial-refere-se a uma festa realizada em uma residência, na qual os convidados se reúnem para socializar e se divertir.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Avonmead Court-local fictício.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Weston, Taunton, Exeter, e Newton Abbot-cidades localizadas no sudoeste da Inglaterra.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Paddington-estação subterrânea e ferrovia principal em Londres.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Bristol-cidade no sudoeste da Inglaterra.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Bailes-eventos sociais onde as pessoas dançam e se divertem.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Monsieur-palavra em francês que significa senhor em português.
[VOLTAR À LEITURA.](#)

Bristol, Weston, e Taunton-cidades localizadas no sudoeste da Inglaterra.
[VOLTAR À LEITURA.](#)

Guarda-volumes-local onde se guarda bagagens em estações de trem ou rodoviárias.
[VOLTAR À LEITURA.](#)

Précisément-uma palavra em francês que provavelmente se traduz para “**precisamente**” em português.
[VOLTAR À LEITURA.](#)

Je vous demande pardon-uma expressão francesa que provavelmente se traduz para “**Peço-lhe desculpas!**” em português.
[VOLTAR À LEITURA.](#)

Fustão-tecido de algodão, lã ou linho ou seda composto de fios mais grossos.
[VOLTAR À LEITURA.](#)

Chère Madame-uma expressão francesa que provavelmente se traduz para “**querida madame**” em português.
[VOLTAR À LEITURA.](#)

E, ma foi!-uma expressão francesa que provavelmente se traduz para “**E, realmente!**” em português considerando o contexto desta história.
[VOLTAR À LEITURA.](#)

Carte Blanche-uma expressão francesa que provavelmente se traduz para “**carta branca**” em português.
[VOLTAR À LEITURA.](#)

Pences-moeda britânica, equivalente a centavos de libra.
[VOLTAR À LEITURA.](#)

Ritz- hotel de luxo mundialmente conhecido.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Tisana- Chá de ervas muito utilizado antigamente com propósitos medicinais, dando mais sentido à ação, uma vez que Poirot espirrou duas vezes e estava com os pés úmidos.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Quel dommage?-uma expressão francesa que provavelmente se traduz para “**Mas que peen?**” em português.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Xelim-é uma antiga unidade monetária britânica.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Coroa- outra antiga unidade monetária britânica equivalia a 5 xelins ou ¼ de uma libra esterlina.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Galochas- um tipo de **calçado de borracha** usado para proteger os pés da umidade ou da chuva.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Au revoir- uma expressão francesa que provavelmente se traduz para “**Tchau!!**” em português.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Caviar-Um prato de luxo feito a partir de ovos de peixe.

[VOLTAR À LEITURA.](#)

Peguei a cabra dele! - expressão original “get someone's goat”, (pegar a cabra de alguém) que significa deixar alguém com raiva, irritado. É o equivalente ao “tirar alguém do sério” em português, mas nesse caso não tem o verbo pegar, é o verbo

tirar, o que faz diferença para o trocadilho do Poirot no final, por isso a escolha de traduzir o original.

[VOLTAR À LEITURA.](#)